Incêndio Químico X Impacto ambiental

Química

Enviado por: _fernandazacarias@seed.pr.gov.br

Postado em:03/10/2013

Impacto ambiental da exposição de organismos vivos à nuvem tóxica que assolou São Francisco do Sul ainda é incerto Por Sâmia Frantz A cortina de fumaça tóxica que encobriu uma cidade inteira por quase 60 horas e impediu centenas de pessoas de voltar para casa, também pode ter deixado outro efeito devastador — e ainda invisível — pelo caminho: os danos ao meio ambiente. O real impacto da fuligem sobre animais, árvores, rios, mangues e o solo que contornam São Francisco do Sul ainda é desconhecido, mas já faz com que pesquisadores ambientais temam consequências graves na saúde da natureza que poderão se manifestar nos próximos dias. A analogia que especialistas fazem é quase como a erupção de um vulcão: depois da lava, a emissão de gases, com poluentes tóxicos, causa efeitos tão trágicos quanto a própria lava expelida. O medo é justificado principalmente pelo município estar numa região considerada rica para o Estado. A vizinha Itapoá tem a maior parte de seu território preservado com mata atlântica e manguezais. Na ligação entre as duas cidades está a baía da Babitonga, que concentra 75% dos mangues de Santa Catarina — berço de toda a fauna marítima da região. — A fumaça pode até sumir do ar, mas não do solo e da água. Alguns compostos conseguem resistir por muito tempo ainda no ambiente. É como entrar nas residências depois de dois dias abandonadas: o céu pode estar limpo, mas o cheiro estará concentrado lá dentro — afirma a doutora em ciências ambientais Virgínia Barros, professora da Universidade da Região de Joinville (Univille). Nas primeiras horas do incêndio químico, os possíveis impactos já eram uma preocupação. Naquela madrugada, o secretário municipal do Meio Ambiente, Eni Voltolini, ordenou a escavação de duas piscinas no entorno do local para que pudessem receber toda a água usada no controle. A ideia era evitar que ela escorresse para o solo e córregos. As duas cavas foram forradas com lonas plásticas impermeáveis e oito caminhões-pipa iam e vinham para levar a água a grandes tanques de armazenamento. Na tarde de sexta-feira, poucas horas após o controle da fumaça, os 800 mil litros de água usados no processo já eram transportados para o aterro industrial de Joinville, enquanto os resíduos sólidos eram levados para uma cooperativa paranaense. Controle da fumaça não é fim do problema A doutora em engenharia química Sandra Medeiros, professora da Univille, estima que a fuligem pode ficar na atmosfera por pelo menos 48 horas após o fim da emissão da fumaça, mas tudo depende das condições climáticas, como a velocidade do vento e da quantidade de poluentes que foi jogada no ar. — A atmosfera consegue se renovar rapidamente, mas como o ambiente foi agredido, ficará suscetível. Quando a fuligem estiver diluída podemos dizer que o impacto cessou. Mas cada organismo vivo tem um tempo próprio para se recuperar. Aqueles que tiveram uma exposição crônica, como a vegetação e o solo, serão os mais afetados. O estudo dos impactos ambientais deve começar nesta semana. Uma empresa especializada a ser contratada pela Global vai elaborar um laudo técnico. Porém, alguns danos causados pela fumaça talvez jamais cheguem a ser conhecidos. É o caso da Mata Atlântica que compõe toda a região do entorno da cidade. Segundo a pesquisadora paulista Marisa Domingos, doutora em Ecologia e especialista em efeitos em poluentes em plantas, o Brasil não tem estudos que apontem o impacto que poluentes de diferentes níveis de toxicidade possam causar nas florestas nativas do país. Por isso, estimam-se desde

efeitos mais leves, imperceptíveis a olho nu, como o desfolhamento ou o amarelamento das plantas, até os mais graves, como o desaparecimento total de algumas espécies de árvores. — A proposta é monitorar de perto. A partir desse acidente, poderíamos ter a primeira grande pesquisa que indica a forma como a floresta é, de fato, afetada com este tipo de gás. As autoridades deveriam estar atentas a isso. Esta notícia foi publicada em 28/09/2013 pelo site Diário Catarinense. Todas as informações contidas são de responsabilidade do autor.